

FUGIU OU QUER VENDER? É NOTÍCIA! Análises sobre o noticiário do cotidiano escravista nos jornais caxienses do século XIX

Juliete Cristina Campos Sales
Jéssica Cristina Aguiar Ribeiro

Introdução

No IHGC (Instituto Histórico Geográfico de Caxias) encontra-se muitos jornais do século XIX que circulam em Caxias, alguns eram escritos na cidade mesmo, outros provinham de outros lugares, alguns com notícias locais, outros com notícias de outros lugares.

Neste artigo, enforçar-se-á dois periódicos locais, Jornal Caxiense que trazia várias notícias de venda e fuga de escravos, e o Jornal Chrysálida de 1884 e Jornal Caxiense de 1816, o primeiro traz uma matéria enaltecendo a construção de uma fábrica de tecido em Caxias, mostrando as vantagens da instalação deste na cidade.

Portanto, este trabalho é fruto de um esforço intelectual de ver nos jornais também um espelho de uma época, do cotidiano de uma cidade, o oitocentismo no Maranhão é marcado indelevelmente pelo escravismo e pelo fabrilismo, logo aquilo que era notícia era o que estava relacionado a estes dois assuntos.

O Oitocentismo em Caxias noticiadas nos jornais: o cotidiano local marcado pela venda e fuga de escravos

Usar jornais como fonte tem se tornado mais comum nos trabalhos de histórias de linha culturalista, apesar disso, as dificuldades metodológicas ainda são grandes, e esses jornais não só como fontes, mas como o próprio objeto de estudo é ainda mais trabalhoso e exige ainda mais trabalhoso e exige mais esforço.

Dito isto, cabe ressaltar que os jornais trazem uma memória de uma época, de uma cidade, de um o de vários grupos sociais. O Jornal Caxiense trazia muitas matérias, anúncios do cotidiano da escravidão na cidade, escravos fugindo, escravos sendo vendidos, ênfase nas características físicas e sociais destes.

Exponho alguns destes anúncios para melhor visualizar tal cotidiano:

A Faustino Fernandes Lima, fugiu em 23 de Novembro de 1814, um crioulo de nome Bernardo, com vinte e tantos annos de idade, cujo escravo comprou o anuciante, ao Padre Serafim Alves Costa, o qual tem os signaes seguintes: de boa altura, côr preta, não muito retinta, pouca ou nem huma barba, vista viva, um pouco retorico, destes superiores abertos a ferro, reforçado, ainda que esquio na cintura, tem a cutidos pés áspero, e côr sinzenta, canhoto, pelo que tem um talho feito com formão no pulso da mão direita, e algumas cicatrises de relho pelas costas, tem principio de carapina, cosinha mui bem o diário para qualquer casa, consta ao anunciante que o dito escravo tem iludido a algumas pessoas, com o fim de não ser capturado, e não vendido ao anunciante, quem prender o referido escravo entregando a seo Snr, nesta cidade, ou ao capitão Joze Marcello Lebre, em sua fazenda São José, receberá 50 \$ 000 réis (JORNAL CAXIENSE, 4 de abril de 1816, p.3)

Neste anúncio dá para ter uma noção de quem escrevia, quem mandava a notícia e a quem era dirigido o periódico, ora sabemos que no século XIX havia poucas pessoas letradas no Maranhão, logo era uma elite que escrevia o jornal, uma elite letrada é claro, e quem mandava a notícia era uma elite econômica (a tirar pela recompensa), afinal eram donos de escravos, preocupados com percas de seus “bens”, e apesar de ser uma preocupação em encontrar o escravo fugido, o jornal que era dirigido a toda a sociedade local, que poderia dar noticias sobre o “fujão”, nem todos tinham acesso ao jornal e a leitura não era feita por todos.

Outro dado interessante de se perceber são as riquezas de detalhes na descrição física e aptidões sociais dos escravos: “côr preta não muito retinta, pouca ou nem huma barba, vista viva, um pouco retorico, destes superiores abertos a ferro, (...), cosinha mui bem o diário para qualquer casa,”. Com efeito, havia que se fazer essa caracterização para se encontrar o escravo fugido e se esclarecer também que “o dito escravo tem iludido a algumas pessoas, com o fim de não ser capturado, e não vendido ao anunciante”.

Outros casos de escravos fugidos revelam esse padrão de noticiar com riqueza de detalhes.

Do abaixo assignado fugio à 20 dias pouco mais ou menos hum escravo deta cidade de nome João Jacinto, o qual tem de signaes mais característicos os seguintes: alto, meio grosso, já pinta, bochêchas cahidas, meio camheta de uma perna o que quando caminha He que conhece-se melhor, tem diversas cicatrises de brexa na cabeça, que lhe fizerão quando esteve fugido, e nessas ocasiões costuma mudar o nome,o que já fez mudando-o para o de pai Francisco. Quem o pegar traga-o ao abaixo assignado que será bem recompensado. Custódio Teixeira Mendes (JORNAL CAXIENSE, 21 de março de 1816, p.3)

Porque essa necessidade de explicar? será que por já esta em 1846 e os debates entre escravistas e abolicionistas esta muito acirrado, ? o detalhe na descrição faz-me fazer esses

questionamentos: “tem diversas cicatrises de brexa na cabeça, que lhe fizeram quando esteve fugido”.

Outros aspectos, considero digno de serem destacados é fato de que em muitas notícias que cotinham neste jornal havia essas informações que os escravos fugidos era o fato de se oferecerem recompensas e também alguns escravos mudavam o nome, esta estratégia reporta-me ao texto de Chalhoub (1990) também faz-me pensar sobre tais questões, visto que ao se debruçar sobre a prática arquivista, percorre um caminho diferente de analisar a escravidão, o trafico interprovincial, saindo da perspectiva do escravo-coisa, passivo e apenas receptivo dos valores dominantes, se empenha em interpretar as fontes como outro olhar, fazendo uso de fontes oficiais, como arquivos policiais, cartas de alforrias, testamentos, até investigando obras literárias como de Machado de Assis, Chalhoub (1990) nos faz refletir sobre o ofício do historiador, o tratamento das fontes, em certa medida fazendo uso do método indiciário de Ginzburg, ao traçar o mesmo caminho de Zadig, como ele refere-se na apresentação do livro, ele vai em busca de “Pancrácios, Carlotas, Veludos, Felicianas” e e outros tantos escravos da “vida real e da ficção” e donos de escravos, bem como comerciantes, indo atrás dos pormenores, investigando as estratégias de dominação, bem como de liberdade, relatando cada caso e interpretando os modos de ver, pensar daquela sociedade.

Assim, o caminho percorrido por Chalhoub (1990) é um caminho de buscas de ampliação do horizonte de reflexão histórica, saído do já “dito”, do “já cristalizado”, demonstrando que história como salientar Albuquerque Junior (2007) em um outro livro (a saber, História: a arte de inventar o passado), pode ser encarada como um “leque que respira”, ou seja, que muda de contornos, e há sempre a possibilidade de um novo vir a ser.

Que os historiadores podem partir de cristalizações, como ele mesmo fizera: em termos discursivos e reais há o nordeste, mas que podem com o uso de técnicas e métodos, bem como abordagens diversas, remontar, ir atrás dos “começos”.

E por outros começos também vejo nos periódicos caxienses uma memória, sendo que esta retrata um oitocentismo na cidade marcado por esses aspectos do escravismo, a compra e venda dos escravos, a luta deste por fugir das “agruras do cativoiro”(Clóvis Moura,1986).

E com Chalhoub (1990) pude ver nos arquivos do IHGC essa perspectiva, os escravos quando fugiam e mudavam de novo, usavam essa estratégia e conseguiam se manter longe das amarras da escravidão, esses escravos dos jornais, parecem com esses que Chalhoub (1990) analisa através de fontes de outros jornais,mas também na ficção, essas táticas revelam bem isso que ele expõe no livro, uma forma de drillhar o sistema de dominação.

Trabalhar com memórias em fontes hemerográficas dá para se entender o imaginário local, visto que

O imaginário faz parte de um corpo de representações e , como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discurso que pretendem dar uma definição da realidade. Mas imagens e discurso sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho [...]. Como afirma Bourdieu, as representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetais, são produto de estratégias de interesse e manipulação (PESAVENTO, 1995 p.15).

Com efeito, os jornais trazem não só notícias, matérias, mas representações, discursos, anseios, imagens de uma época, que evocadas no presente fazem-nos reportarmos ao passado tentando enxergar o “real” daquela época.

Outros exemplos de notícias que constavam no citado periódico local sobre venda de escravos:

O abaixo assignado tem para vender uma escrava com 20 anos de idade, crioula, propria para o tráfico, uma casa, quem a pertencer dirija-se, ao annunciante. Manuel Joaquim Pereira Guimarães (JORNAL CAXIENSE, 1816, p. 3)

Alem desse anúncio que mostra as características e habilidades da escrava a venda, havia outros anúncios que constava também esses aspectos do comércio de escravos feito não só nos portos, como a bibliografia costuma retratar, mas também este feito nos periódicos locais.

Vende-se huma escrava habilidosa e de todo o serviço, sabe cozer, gomar, lavar, e cozinhar, quem a pretender dirija-se ao abaixo assignado, que se accomodara no preço. Faustino Fernandes da Silva (JORNAL CAXIENSE, 1816, p.3).

Neste anúncio há mais ênfase nas habilidades para o trabalho da escrava em venda, isso também era comum na época, detalhar tais aspectos para despertar interesse e venda logo dos escravos.

O progresso vem aí! Análise de uma matéria do jornal Chrysálida sobre a instalação de uma fábrica de tecidos em Caxias-Ma

Como dito no início deste estudo, em alguns jornais de Caxias-Ma também tratavam de assuntos que retratavam a “realidade” da cidade, como o “euforismo fabrilista” (CALDEIRA, 1988), e fora encontrava uma matéria que mostrava esse anseio disso na

cidade, e com um detalhe, assinado por uma mulher, o que não era tão comum nos periódicos do século XIX.

Eis a notícia:

as acções da fabrica de tecidos que se projecta construir á margem do riacho Ponte, foram todas passadas com facilidade, signal de que brevemente achar-se há montada. É mais um amelhoramento pra Caxias; e nós caxienses devemos ser gratos aquellas pessoas que tiveram tão boa e inspirada lembrança; pois, por esse modo os lavradores aproveitarão melhor o seu algodão, vendendo-o por preço mais elevado, e comprarão por menos preços do que comprem em mão dos commerciantes do Maranhão Tecidos vindos da Europa! Tem ainda outra vantagem: muitas famílias pobres que não acham em que empregar o tempo, encontrarão lucrativo e fácil trabalho na fabrica, pois nella não faltará serviço. Os meninos preguiçosos e vadios, que andam invadindo as ruas d' esta cidade sem se occupar em cousa alguma, encontrarão sempre emprego ali. As moças pobres e sem recursos, que também ás vezes não tem occupação, não por falta de amor ao trabalho; mas, por que a ponte sobre o rio Itapecuru sendo mais concorrida, mais freqüentados os logares Ponte e Trisidella, maiores serão sem duvida seus lucros. Faço, portanto, votos ao céu, para que aquellas pessoas que emprehenderam tão útil projecto, vejam coroados seus esforços, e no auge da maior animação e progresso, esta nossa solitária Caxias. Diana (JORNAL CHRYSÁLIDA, 1884, n.12)

A matéria acima mostra bem como era sentido o fenômeno do fabrilismo têxtil em Caxias no oitocentismo, os anseios que a população tinha em relação ao empreendimento, interessante é que é assinado por uma mulher, coisa que não era comum na época.

Outro aspecto que chama a atenção é a riqueza de detalhe que o escritor da matéria da em falar onde vai ser instalada a fabrica de tecido, a gratidão pela idéia do lugar, as pessoas que vão usufruir desse feito, a mudança que a cidade vai viver, o empreendimento é visto como algo relacionado ao progresso e até enxergamos no texto um sentido salvacionista, visto que vai possibilitar de trazer emprego para cidadãos, trazer dinâmica e lucros à cidade.

Considerações finais

Ao nos debruçar sobre os jornais do século XIX de Caxias- Ma percebemos que alguns aspectos que eram vividos em todos os lugares no Brasil, também foram sentidos numa cidade do interior do Estado Maranhão, e algo que foi intrigante perceber é que através dos jornais foi possível perceber isso.

O comércio de escravos não se dava somente em portos, mas também feito em periódicos, e ao folhear os jornais locais foi interessante constatar isso, bem como também

perceber a riqueza de detalhes que eram colocados nos anúncios, ressaltando as características físicas e habilidades para o trabalho; tais informações das características também constavam nos anúncios de escravos fugidos.

Foi possível perceber nesta produção que os periódicos também são “lugares de memória”, através deles também pode-se reportar a uma época e compreender o cotidiano das pessoas, o imaginário que era construídos por meio de discursos, imagens, sonhos, desejos.

Também nesses jornais foi possível analisar anseios de um progresso, também vontades e realidade daquela época, afinal o fabrilismo têxtil era um fenômeno do oitocentismo no Maranhão e em Caxias principalmente, a notícia que retratava a vontade que os Caxienses tinham em ver a instalação da fábrica na cidade, e as “melhorias” que tal empreendimento ia trazer para cidade e para as pessoas;

Portanto, foi a partir desses periódicos locais que conseguiu-se enxergar as representações, os anseios, os discursos e as práticas de Caxias no Oitocentismo.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

CALDEIRA, José de Ribamar Chaves. **As origens da indústria no sistema agro-exportador maranhense – 1875/1895**. 1988. Tese de Doutorado. USP - Departamento de Sociologia, São Paulo, 1988.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade** - Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. Companhia das Letras, 1990

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. São Paulo: Zumbi, 1959.

_____. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

_____. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

_____. **Muito Além Do Espaço, Por Uma História Cultural Do Urbano**. São Paulo, Brasil. 1995

PESSOA, Jordania Maria. **Entre a Tradição e a modernidade: A belle époque caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**, Imperatriz: Ética, 2009.